

Trump: guerra improvável: paz impossível



Claudio Tognoli

Yahoo Notícias 28 de fevereiro de 2017

Inimigo figadal de Sartre, Raymond Aaron cunhou a melhor definição sobre Guerra Fria: uma época em que a paz é impossível mas a guerra é improvável. Quase 60 anos depois, a frase é atualíssima. Vejamos...

O projeto de orçamento federal americano que o presidente Donald Trump vai apresentar incluirá um aumento de US\$ 54 bilhões (quase R\$ 168 bilhões) em gastos de defesa e cortes na mesma quantia de gastos não relacionados ao setor militar, incluindo grande redução na ajuda externa, disse um funcionário do orçamento da Casa Branca nesta segunda-feira (27).

Trump chamou o aumento de mais de 9% de “histórico”. O orçamento dos Estados Unidos para as Forças Armadas já é o mais elevado do mundo, mesmo após o país ter encerrado grandes guerras no Iraque e no Afeganistão.

“Esse orçamento será de segurança pública e segurança nacional”, disse Trump aos governadores da Casa Branca. “Incluirá aumento histórico nos gastos de defesa para reconstruir o exausto setor militar dos Estados Unidos da América em um momento em que mais precisamos dele”, disse ele.

Mas como e por que Trump propõe esse aumento vez que sua máxima parece ser a de Voltaire, cuide de seu jardim ?

Simple: Trump quer movimentar negócios de guerra sem fazê-la. Passa por aquilo a que Nietzsche chamava deketten-denken, ou pensador em cadeia, (ver aforisma 376 de *Humano, Demasiadamente Humano*). Pensamento em cadeia de Trump é simples: fazer barulho e ganhar dinheiro com isso. Não é a guerra: é o estado de guerra. Tudo porque (o termo é retirado do Manifesto do Partido Comunista) vivemos, sob Trump, o máximo do estado de “procura e oferta [Nachfrage und Zufuhr]”. Sem guerra, não há mercado, vindica o “dictum” republicano. É o que de resto Nietzsche chamada de “Guerra e Arte” (“otium et bellum”). Trump é bom nisso.

Já falei sobre isso neste blog...

Vejam a obra *Le bonheur economique*, de Francois-Xavier Chevallier (Albin Michel, 1998, Paris). Ele nos conta coisas nada animadoras, com base nas teorias dos “ciclos”, do economista russo Kondratieff. Para o economista, avanço tecnológico e redução de tempo de produção resultam guerras e instabilidades bem localizadas – para lastrear a produção encalhada pela redução de seu tempo de manufatura. Nessa visão, a Revolução Industrial teria gerado, a partir de 1783, e seguindo o economista, o crack na Bolsa de Londres e a Revolução de 1830. A introdução da química do ferro, a partir de 1837, deu empuxo à Revolução de 1848, à Guerra de Secessão nos EUA e ao crack de Viena. A química pesada, no início do século, teria potencializado e gerado a Primeira Guerra Mundial, o crack de 1929 em Nova York e a Revolução de 1930, no Brasil.

Quando invadiu-se o Kosovo, em abril de 1999, para tirar-se da mídia o escândalo Monica Lewinski com Clinton(a tese e do brilhante jornalista Phillip Knightley, autor de *First Casualty*), a então secretária de estado dos EUA, Madeleine Allbrigh, comemorou que a antiga Iugoslávia seria um ótimo mercado para se escoar a produção dos EUA.

Trump não quer guerra. Mas quer o espírito dela, o “wargasm”. Por isso Aaron é tão atual: vivemos numa época em que a paz é impossível mas a guerra é improvável...